REGRESSO SEM FUTURO
de Alice Sanches

Era uma manhã típica de Inverno. O frio que fazia lá fora passava despercebido, com o ar abafado provocado pela respiração de muitas pessoas concentradas num pequeno espaço. Ouviam-se crianças a chorar, tosse e espirros, protestos e mais protestos. Parecia o cenário das urgências de um hospital, porém, eu e aquele amontoado de gente encontrávamo-nos à porta da loja XP311, no Novo Centro Comercial Colombo. Aguardávamos ansiosos pelo lançamento mundial da máquina do tempo.

Havia momentos em que me recordava de quando era miúdo e o meu bisavô me contava que o seu sonho de infância era conseguir viajar no passado e no futuro e que o máximo que havia na altura eram umas coisas chamadas tamagotchis e walkie talkies.

Quando já não podia levar mais empurrões, as portas abriram-se. Eu era o primeiro da fila, mas, mesmo assim, dei a maior corrida da minha vida para conseguir uma das vinte amostras do produto. A edição era limitada por ser uma demonstração e ainda estar em fase de testes. Quando agarrei na minha máquina senti uma felicidade enorme e dirigi-me à caixa registadora. Assustei-me com o preço, mas felizmente tinha a conta bancária bem recheada. Paguei e saí. Cá fora as pessoas olhavam-me de lado, invejosas por não terem tido a mesma sorte.

Mal podia esperar para chegar a casa. Sentei-me confortavelmente no carro e vim a viagem toda a ler o manual de instruções. Tal não teria sido possível há uns setenta anos, quando os automóveis não se conduziam sozinhos.

Entrei na sala e vi a minha mulher, Antónia. Também ela ficou radiante por eu ter conseguido comprar a máquina do tempo.

Dirigi-me para a cave e comecei a montar a maquineta. Nem dei conta do tempo passar, só quando a Antónia desceu para me dizer que o jantar estava pronto é que me apercebi das horas.

Nessa noite fizemos amor, pela primeira vez em muito tempo. Foi bom, mas mesmo assim não mudei de ideias em relação ao que iria fazer. A situação estava insuportável há meses, não conseguia viver mais assim. O nome Diana ecoava na minha cabeça.

A Diana. Já não sabia dela há anos, até a ter reencontrado há cerca de um mês no café ao pé do meu trabalho. É modelo fotográfico e também já é casada. Estivemos a falar dos nossos tempos de escola. Pedi-lhe desculpa por nunca lhe ter ligado muito, por achar que era feia. Contei-lhe que tinha casado com a Antónia, que também era da nossa turma, e que andávamos com problemas.

Adormeci. Um longo dia esperava-me.

Eram 6:06 quando acordei. Mais uma vez tinha sonhado com a minha amada. Levantei-me e, em bicos de pés – para não acordar a Antónia –, saí do quarto e fui para a cave continuar a montar a máquina do tempo.

Dei um salto de alegria quando a engenhoca ficou pronta. Logo de seguida, entrei lá dentro. Era pequenina mas confortável. Seleccionei o ano a que queria ir: 2077. Tinha dez anos na

altura e nesse ano a Antónia e a Diana ficaram pela primeira vez na minha turma. Respirei fundo e carreguei no botão que me iria fazer regressar ao passado.

Não me lembro do que aconteceu enquanto viajava. Penso que desmaiei com a amplitude das ondas.

De repente, estava em frente à minha escola. Escondi-me atrás de um arbusto para ver chegar a Diana. E a Antónia. E a mim. Senti-me estranho por me ver, numa versão mais pequena e mais nova.

Se pretende ler a continuação, faça pedido por e-mail
alicefsanches@gmail.com

Alice Sanches
http://www.alicesanches.com